



PSICANÁLISE

José Américo Junqueira de Mattos

Impressões de minha análise com Wilfred R. Bion

E outros trabalhos

Blucher

IMPRESSÕES DE
MINHA ANÁLISE COM
WILFRED R. BION

e outros trabalhos

José Américo Junqueira de Mattos

Impressões de minha análise com Wilfred R. Bion e outros trabalhos

© 2018 José Américo Junqueira de Mattos

Imagem da capa: Gustave Doré, *The savoury pulp they chew, and in the rind, Still as they thirsted, scoop the brimming*, 1866, ilustração para a obra *Paradise lost*, de John Milton

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Mattos, José Américo Junqueira de

Impressões de minha análise com Wilfred R. Bion e outros trabalhos / José Américo Junqueira de Mattos. – São Paulo : Blucher, 2018.

476 p.

ISBN 978-85-212-1330-7 (impresso)

ISBN 978-85-212-1332-1 (e-book)

1. Psicanálise 2. Bion, Wilfred R. (Wilfred Ruprecht), 1897-1979 - Crítica, interpretação etc.
I. Título.

18-0763

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Prefácio	9
1. Impressões de minha análise com Dr. Bion	19
2. Impressões de minha análise com Dr. Bion: comentários do autor	75
3. Análise concentrada: três décadas de experiência	119
4. A contratransferência e a obra de Bion	153
5. Contratransferência: uma re-visão	189
6. Do soma ao psíquico: em busca do objeto psicanalítico	221
7. Pré-concepção e transferência	267
8. Transferência e contratransferência como fatores da transiência	313
9. Anorexia nervosa: um novo paradigma para as perversões	357

10. Dos distúrbios obsessivo-compulsivos às relações continente-conteúdo	391
11. Tomar notas e o uso de memória e desejo	425
12. Os cinco últimos quartetos de Beethoven	459
13. O <i>Amadeus</i> de Miloš Forman: um olhar psicanalítico	471

1. Impressões de minha análise com Dr. Bion¹

Essas ideias, que ouvimos no curso de análise, foram em uma época interpretações, mas agora são associações. Estamos tratando uma série de camadas que foram epidermes ou conscientes, mas agora são associações livres.

Wilfred R. Bion, *Two papers: the grid and caesura*, 1977/1989, p. 47 (tradução livre)

Introdução

Um dia, passeando pelo Kenwood Park, em Londres, uma semana antes do término de minha análise com Dr. Bion, eu meditava sobre a interpretação em psicanálise, quando, após uma depressão no terreno, deparei com uma imensa, frondosa e acolhedora árvore, cujos galhos – braços enormes a saudar e a brincar com a brisa fria de outono – convidavam a entreter na memória

¹ Uma versão anterior deste texto foi publicada em Junqueira de Mattos (2016). Todas as traduções dos textos originalmente em inglês foram feitas pelo autor.

lembranças há um tempo caras e doridas... Surpreendi-me com a singular semelhança dela com as árvores de minha terra, de minha infância...

E esse vento? Não lembrava os ventos frios de julho lá na Fazenda Melancias, a trazer o mugido triste do gado que, sequioso e mudo, seguia trilha adiante em busca de capim ou de uma fonte?

Na análise, relatei ao Dr. Bion as emoções provocadas e as reminiscências evocadas no passeio pelo bosque, destacando as semelhanças e diferenças entre a vegetação da Inglaterra e do Brasil. Em seguida, falei sobre o desejo que sentia de escrever um artigo sobre interpretação em psicanálise. Porém, como poderia escrever se, na verdade, o que eu estaria fazendo seria repetir o que eu havia aprendido com ele? Não seria algo original, mas sim uma cópia. Dr. Bion interpretou dizendo: “Assim como a árvore lembra as de sua infância, mas não é a mesma, o que escrever também não será exatamente o mesmo...”

O que relato aqui não é a mesma coisa, não é igual ao que se passou lá no consultório dele. Um dia foram interpretações, hoje são associações...²

Entretanto, a lembrança do que ele disse, que eu reproduzo aqui, encorajou-me a aceitar o convite do Dr. Cecil José Rezze – que, na época, era o presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) – para escrever sobre o tema por ele sugerido: a minha experiência de análise com o Dr. Bion.

Naquela época, assim como agora, selecionei entre minhas reminiscências não só os temas que tiveram importância para mim

2 O registro de uma experiência analítica após a sessão e sua lembrança passados muitos anos é tratado de modo muito criativo e interessante por Bion em “Comentários”, parte da obra *Second thoughts* (1967).

como também, principalmente, os que, no meu sentir, poderiam ser úteis para outrem.

Não me ative a um assunto só. Cada tópico tem um título e é desenvolvido *per se*, de forma condensada. Isso exige algum conhecimento prévio de suas ideias, para um entendimento mais amplo.

Procurei sempre trazer partes de alguma sessão. Assim, posso mostrar como os assuntos aqui relatados foram por mim captados no trabalho com Bion. Penso que esta é a melhor e a mais viva maneira de transmitir, hoje, alguma coisa do que foi essa minha experiência de análise.

Estive em análise com Dr. Bion de 2 de setembro de 1977 até 10 de novembro do mesmo ano, uma semana em maio de 1978, quando de sua última visita ao Brasil e, depois, de 4 de setembro de 1978 até 5 de outubro de 1979, isto é, um mês antes de seu falecimento. Neste último período, não houve férias na análise, o que me levou, a meu pedido, a ter análise durante as férias dele, de março a abril de 1979, em Londres, Inglaterra, e Saint-Cyprien, na França, e, posteriormente, após seu regresso para a Inglaterra, em setembro de 1979. Até outubro de 1978, fiz cinco sessões semanais. Depois, a meu pedido, Dr. Bion arrumou-me mais uma, ficando com seis sessões, sendo uma dupla, de cem minutos, às segundas-feiras. Toda a análise foi feita em inglês.

Sobre a pré-concepção: um conteúdo em busca de um continente

Quando fui pela primeira vez a Los Angeles, Estados Unidos, estava inseguro. Temia que o anseio, há muito acalentado, da análise com o Dr. Bion fosse produto de minha voracidade ou, quiçá, da idealização de sua pessoa... Não havia, perguntava a mim mesmo,

esgotado as minhas possibilidades de desenvolvimento em minhas análises anteriores? Por outro lado, como fazer análise em inglês, idioma que eu ainda não dominava? Dr. Bion entenderia o meu inglês amineirado? No entanto, essas dúvidas eram muito menores que um sentir intimamente forte de que ele poderia ajudar-me. Bem, cheio de angustiantes incertezas *contidas* pela certeza nascida não sei de onde, talvez da esperança, em um dia no início da primavera, em setembro, parti...

Ao me deitar no divã, na primeira sessão, disse a ele que eu não sabia por que, mas achava que ele poderia me entender e me ajudar. Ao que Dr. Bion observou o seguinte: “Se o senhor soubesse o porquê, não estaria aqui, não teria perdido seu tempo em vir. Exatamente porque o senhor não sabe, veio”. Em seguida, falei-lhe que o meu desejo de análise com ele despertou quando, em uma de suas conferências, na primeira vez em que veio ao Brasil, falou de *Paraíso perdido*, de John Milton. Conteí-lhe que, de *Paraíso perdido*, o papai tinha uma edição toda ilustrada por Gustave Doré e que eu me lembrava de folheá-lo ainda quando criança. Ao que Dr. Bion interpretou dizendo mais ou menos o seguinte: “O senhor sente que fala uma língua que eu entendo. Mas, que língua é essa? Inglês? Português? Ou a língua de Milton?”

Falei-lhe que sentia que ele poderia me ajudar e era esse sentimento que, irresistivelmente, me pressionara a procurá-lo.³ Ao que disse: “O que sentimos é uma das poucas coisas das quais podemos ter certeza. O problema é que nem sempre se presta atenção ou se respeita o que se sente”.

Ainda na mesma semana dessa sessão, enquanto dirigia o carro a caminho de seu consultório, ouvia o rádio. Era um noticiário que

3 Em inglês, “*to feel or to have a feeling*” [sentir ou ter um sentimento] tem uma conotação mais forte que em português, expressando mais um conhecimento intuitivo.

falava a respeito da seca na Califórnia, ressaltando a possibilidade de ocorrer um racionamento de água no futuro, caso não chovesse. Ao deitar-me no divã, falei a Dr. Bion desse noticiário. Aí, lembrei-me do cajueiro-do-campo, um arbusto que grassa, contei-lhe, no Cerrado do Brasil central. Sua raiz principal tem a peculiaridade de, ao penetrar vários metros de terra, ir buscar a água nas camadas mais profundas. Dr. Bion observou mais ou menos o seguinte: “Assim como essa árvore sabe, por um hidrotropismo singular, encontrar a água, tão importante para a sua sobrevivência, o senhor também, por uma qualidade que o senhor não sabe explicar, sente que soube me procurar e encontrar”.

Nesses dias, houve uma sessão em que me lembrei de um poema de Castro Alves, que memorizei quando tinha, provavelmente, uns 13 anos. Ele sempre me comoveu, sem que eu soubesse, até então, o porquê. Encontra-se no início das *Espumas Flutuantes*. Quando ele surgiu em minhas associações, tentei traduzi-lo para o inglês, Dr. Bion pediu-me que o declamasse em português e que depois o traduzisse, como pudesse. É assim:

Dedicatória

*A pomba d'aliança o vôo espria
 Na superfície azul do mar imenso,
 Rente... rente da espuma já desmaia
 Medindo a curva do horizonte extenso...
 Mas um disco se avista ao longe... A praia
 Rasga nitente o nevoeiro denso!...
 O pouso! ó monte! ó ramo de oliveira!
 Ninho amigo da pomba forasteira!...*

*Assim, meu pobre livro as asas larga
 Neste oceano sem fim, sombrio, eterno...
 O mar atira-lhe a saliva amarga,
 O céu lhe atira o temporal de inverno...
 O triste verga à tão pesada carga!
 Quem abre ao triste um coração paterno?...
 É tão bom ter por árvore – uns carinhos!
 É tão bom uns afetos – fazer ninhos!
 (Alves, n.d.)*

Dr. Bion disse mais ou menos o seguinte: “Assim como o autor da poesia buscava um leitor que lesse o seu livro, o senhor espera que eu possa também ‘ler’ o senhor e lhe revelar o que o senhor não pode ler e saber a seu respeito”. E prosseguiu:

Assim como a pomba, o senhor alçou vôo, cruzou o oceano, em busca de um ramo, o ramo da esperança; com a esperança, com a expectativa de que houvesse alguém que correspondesse ao seu anseio de ser entendido, para entender-se. Ela existiu sempre... Antes não tinha um nome, mas agora o senhor pode chamar de psicanálise aqui comigo.

Profundamente emocionado, recordei-me de uma litogravura, de Caulas, intitulada *O deserto*, que arrematei em um leilão de arte. Essa gravura mostra um pássaro voando sobre uma mata devastada; e voando pensava em uma árvore para pousar. O pintor retrata isso à maneira de desenhos em quadrinhos, em que os diálogos

– aí uma árvore íntegra – são colocados em retângulos. No leilão fui imediatamente atraído pelo quadro e o arrematei *incontinenti*.

Hoje, quando olho para ele, ali pendurado na sala de minha casa, sinto uma saudade profundamente terna do Dr. Bion... De sua figura sábia e generosa, a quem tanto devo...

Sobre a interpretação

Qual, entre todas as interpretações corretas, nós escolheremos para formular? A liberdade do analista, embora grande, pode ser vista como sendo limitada a um único domínio, a necessidade de ser verdadeiro, dar uma interpretação que é verdadeira. Se o analisando é sincero em seu desejo de tratamento, ele, da mesma forma, é limitado; suas associações livres devem ser tão próximas daquilo que ele considera ser a verdade quanto ele pode obter.

Wilfred R. Bion, *Two papers: the grid and caesura*, 1977/1989, p. 43 (tradução livre)

A interpretação é o fator essencial que emerge, de um lado, das associações do analisando que, buscando um sentido profundo, revelador, encontra, de outro lado, na *atenção flutuante* do analista um estado mental propício para apreendê-las, revelá-las... Do interjogo dinâmico desse binômio, eis que a interpretação surge a catalisar ideias e emoções, dando coerência ao que antes estava vago, disperso... (Poincaré citado por Bion, 1962/1977a). É o inconsciente a se tornar consciente... É o desconhecido que assusta ao se transformar no conhecido que liberta, abrindo o caminho para novas expansões, para o mais além, para o incognoscível...

Novas associações surgem imprecisas, angustiosas... A intuição se liberta das peias turvas opacificadas, da memória e do desejo, a ideia é captada... Outra interpretação se vislumbra, é comunicada... Eis que tudo novamente se transforma nesta forja dinâmica conteúdo-continente. Assim, de indagação em indagação, nessa turbulência criadora, duas mentes, analista-analisando, agitam-se, preparando-se para novas buscas, novas des-cobertas e novos des-conhecidos... É o trabalho incessante da análise em busca da síntese unificadora...

Sendo a interpretação elemento assim tão primordial, como avaliá-la? Como comprovar seu acerto ou desacerto? Sua precisão ou imprecisão? Se na análise lidamos com fatores que são funções de duas personalidades a emergir deste cadinho continente-conteúdo, é aí que devemos encontrar uma resposta.

Algo que notei desde o início de minha análise foi a atenção e a importância que Dr. Bion dava, levando a sério, a tudo o que eu dizia. (Isso pode parecer o óbvio ululante, no entanto, aprendi com ele que o óbvio não é assim tão fácil de ser visto. Aliás, penso até que é muito difícil. Sem exagero, diria que a minha análise com ele foi, em grande parte, a conscientização do óbvio.)

Lembro-me de que um dia, após várias associações que fiz, fiquei em silêncio. Então Dr. Bion me disse que ele não via nenhum sentido naquilo que lhe falei e perguntou-me o que eu achava do que havia dito. Respondi-lhe, depois de alguma reflexão, que não achava nada e que certamente o que eu havia dito não tinha importância. Aí ele falou algo que nunca mais esqueci: “Se o senhor acha que o que diz não tem importância, por que diz então? Ou será então que o senhor é tão rico em tempo e dinheiro para vir aqui e dizer coisas fúteis, sem importância?”

Percebi que, nas minhas associações, eu trazia parte de algo que sabia e parte que eu ignorava. Sua função era mostrar a mim

o que eu ignorava. Com isso, percebi claramente – novamente o óbvio – que eu só retirava da análise aquilo que eu colocava. Passei a sentir a responsabilidade de tudo o que eu verbalizava e de dizer tudo o que associava... À medida que a análise se expandia, minha ligação com Dr. Bion se fortalecia...

Todo silêncio maior que, porventura, eu tive, ele sempre, sempre, em cem por cento das vezes, interpretou como uma dificuldade minha em ser sincero, espontâneo, dizer o que pensava...

Sentia nele integridade, retidão e honestidade a toda prova. Ele não tinha nenhum escrúpulo em interpretar o que sentia, sem medo de errar. Logo aprendi – outra vez o óbvio – que ele queria dizer exatamente o que dizia. “*I mean what I say and I say what I mean*”,⁴ disse-me ele um dia, penso, parafraseando William Shakespeare.

Lembro-me de que eu entendia como erradas algumas observações e interpretações que ele fazia. Ao lhe dizer que eu não sentia que era verdadeiro o que ele havia dito, ou que não correspondia ao que eu sentia no momento, ou ele se calava ou dizia mais ou menos o seguinte: “Eu penso que minha observação é correta. O senhor diz que não. Respeito a sua opinião. Quem sabe se no futuro podemos esclarecer esse impasse”. Percebia que Dr. Bion não tinha o menor desejo de polemizar comigo e que se, por um lado, ele respeitava minha opinião, por outro, eu também sentia que ele não havia feito uma interpretação sem estar baseado em algo que havia percebido durante a sessão. Desde logo, aprendi a valorizar e respeitar muito o que ele interpretava, pois, frequentemente, o futuro confirmava a veracidade das interpretações por mim questionadas.

Recordo-me de que algumas vezes, logo após eu *não* concordar com uma de suas interpretações, eu trazia uma associação que era assim interpretada: “O senhor aparentemente não concordou com

4 Tradução: “Quero dizer o que digo e digo o que quero dizer”.

o que eu disse. Preste atenção no que acaba de dizer. Parece-me que confirma minha observação anterior”. Com isso dava-me a oportunidade de confrontar o que achava que estava sentindo ou pensando, com o que realmente a última associação mostrava que sentia ou pensava. Dando-me a oportunidade de comparar as duas; isto é, uma visão bi-ocular entre meu consciente e inconsciente.

Algumas vezes, após Dr. Bion ter feito uma interpretação que eu achei errada, não correspondendo ao que eu sentia, ele me dizia algo extremamente sábio e curioso:

O senhor poderá agora tirar bom proveito de uma interpretação ruim, porque poderá comparar o que eu digo que o senhor é, sente ou pensa com o que realmente o senhor julgar ser, sente ou pensa. Com isso, essa interpretação não esclarecerá de fato quem o senhor é, sente ou pensa. Porém, poderá ter a certeza e a vantagem de saber que aquilo que estou dizendo que o senhor é, sente ou pensa o senhor não é, não sente e não pensa. E assim, por um caminho, ainda que tortuoso e indireto, se aproximar daquilo que o senhor verdadeiramente é, sente ou pensa.

Após certas interpretações, eu trazia uma associação, que era assim interpretada: “O que o senhor acaba de dizer confirma minha observação anterior. Com isso, o senhor me mostra que eu estou no caminho certo”. Ele percebia que minhas reações, verbais ou não, a suas interpretações eram de fundamental importância para confirmar ou negar a veracidade delas, norteando-o se estava ou não no caminho verdadeiro. (Elas serviam para: “*to keep me in the right track*”⁵, como frequentemente ele dizia).

5 Tradução: “manter-me no caminho certo”.

Se associarmos o que Dr. Bion disse, citando Kant (1989): “*Intuition without a concept is blind, concept without intuition is empty*” [Intuição sem conceito é cega, conceito sem intuição é vazio], em referência aos versos 51 a 55 de Milton, na introdução do “Livro III” de *Paraíso perdido*:

*So much the rather thou Celestial light
Shine inward, and the mind through all her powers
Irradiate, there plant eyes all mist from thence
Purge and disperse, that I may see and tell
Of things invisible to mortal sight.
(Milton, 1894)*

Uma possível tradução é

*Brilha, pois, ainda mais interiormente, ó Luz Celestial.
E que a minha mente, através de todos os seus poderes,
Irradie, plante ali olhos, limpa e dispersa deles, toda
A névoa, para que eu possa ver e revelar.
Coisas invisíveis para o olhar mortal.*

Podemos entender que o genial poeta, sentindo ser continente para essa luz-intuição, colocava-se em um estado de mente adequado para “ver” o conteúdo e revelá-lo àqueles que não tinham possibilidades de “ver” sozinhos.

A função do analista, então, seria, despojando-se de memória e desejo, tentando ainda “cegar-se artificialmente” (Freud citado por Bion, 1977/1989, p. 58) para ver interiormente (*inward-insight*),

colocar-se em um estado de mente propício para *transformar* em conceito o que a intuição do paciente está lhe apresentando.

Sobre o sentimento de dependência e solidão do ser humano

Na primeira vez que fui a Los Angeles, fui só. Nos primeiros dias, estranhei tudo: a língua, os alimentos, o ambiente físico, a cultura etc. Houve um dia em que, estando muito triste, comecei a chorar durante a sessão, enquanto falava da estranheza que sentia em tudo, destacando particularmente a língua. A dificuldade que sentia de me expressar em inglês. Ao me ouvir, as pessoas pediam para que eu repetisse. Eu admirava, dizia a ele, que ali fosse diferente, não havia dificuldade na comunicação, ele me entendia... E interpretou mais ou menos o seguinte:

O senhor se sente em um mundo estranho, incompreensível; e, como não sabe como se expressar, o senhor chora. O choro é a língua que o senhor conhece neste instante, para se comunicar. Por outro lado, neste universo estranho, incompreensível, o senhor sente que alguém o entende e que entende seu choro, neste momento este alguém sou eu. Houve um tempo, porém, quando o senhor nasceu, em que deve ter sentido pela primeira vez este mundo estranho, incompreensível... e dependia de alguém, naquela época (sua mãe), que entendesse o que a sua língua ou o seu choro diziam.

E prosseguiu:

O senhor parece ter tido a experiência de ter encontrado alguém que o entendia e, ao mesmo tempo, de quem o senhor era dependente. Hoje, o senhor não é mais criança... No entanto, o sentimento de que o senhor é só e ao mesmo tempo dependente continua... (You feel that you are dependent and all alone).

Não me recordo se foi nessa mesma sessão ou em outra posterior que, após o Dr. Bion interpretar que eu era dependente e só, lembrei-me de um quadro de Picasso: *A família de saltimbancos*.⁶

Falei-lhe dos sentimentos que essa obra me despertava. Disse-lhe que as figuras pintadas me impressionavam não só pela solidão e por uma tristeza profundamente terna que delas emanavam, mas também, e principalmente, pelo fato de não se comunicarem. Dr. Bion disse mais ou menos o seguinte: “Um artista genial como Picasso pode pintar algo que mostra não só um sentimento dele ou neste momento seu, mas que é característico do ser humano em geral”.

Num instante, abate a catástrofe

Ainda no primeiro mês de análise com o Dr. Bion, como comentei no início do texto, grassava em Los Angeles uma seca muito forte e com ameaça de racionamento de água. Nos arredores, inclusive em um bairro de luxo, havia vários focos de incêndio de difícil controle e que já tinham destruído algumas casas. Cheguei para minha análise e mencionei esse fato para Dr. Bion, e em

6 O quadro encontra-se na Galeria Nacional de Arte, em Washington, DC, Estados Unidos. Foi pintado em 1905, numa fase intermediária entre a fase azul e a rosa.

seguida veio-me a lembrança uma tragédia familiar acontecida com um parente meu. Ele perdeu quatro casas de um valor bastante alto localizadas em São Paulo, em uma única noite, em um jogo de pôquer! Esse parente vivia do aluguel de tais propriedades; o que levou a família a ter muitas dificuldades para sobreviver. Ao me lembrar disso, eu me entristeci, e em seguida veio-me à mente o seguinte soneto:

Bagatela

O vento corre uivante e desempedra

Alvo seixo engastado na montanha.

A pedra solta cai sobre outra pedra,

Brotam faíscas de uma luz castanha...

Novo golpe do vento e o fogo medra

Na alfombra ressequida, em doida sanha...

Há luta que se alteia e se desmedra

No incêndio arrasador em fúria estranha...

Mais forte zune o vento e a tudo encrispa,

Sobem chamas cruéis de chispa em chispa...

O homem chora a perdida sementeira...

Também no mundo é assim... Por bagatela

Surge a paixão que se desencastela,

Queimando a safra de uma vida inteira...

(Vieira, 1962, pp. 169-170)

Ao que Dr. Bion interpelou: “O fundamental é saber quem ou o que desencadeia a primeira chama!!!”.

Reverendo toda essa passagem, entendo que a primeira chama é a imensa voracidade desse meu parente, que causou a desgraça que se abateu sobre ele e sua família.

O uso do modelo na construção e na interpretação

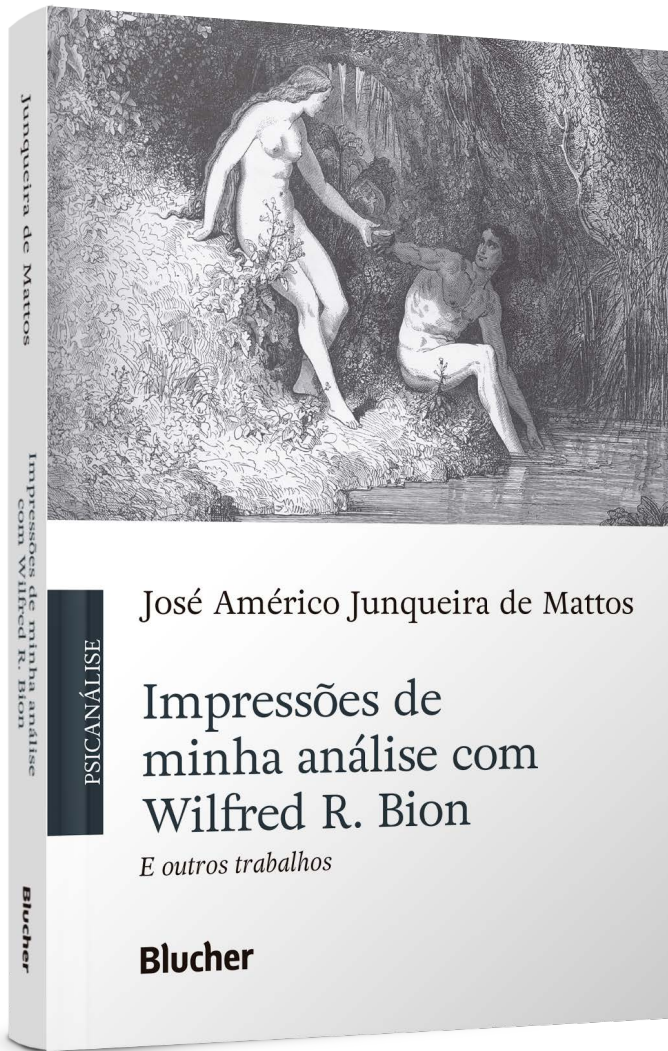
Quais são as regras para serem obedecidas se o analisando pode razoavelmente esperar entender o analista e vice-versa?

Wilfred R. Bion, *Two papers: the grid and caesura*,
1977/1989, p. 37 (tradução livre)

Algo que desde o início de minha análise com Dr. Bion chamou minha atenção foi a maneira, a forma, que ele usava para interpretar. Além de usar a palavra correta para o momento adequado, falava como se fosse um pintor que, em geniais pinceladas, colocava diante de mim, para que eu pudesse “ver” o que ele estava “vendo”. A cada momento ele usava um modelo no qual as suas interpretações se transformavam em construções a iluminar a relação, por analogia, entre as teorias psicanalíticas e as minhas próprias teorias, os meus mitos e vivências.⁷

Cerca de quinze dias antes de meu regresso de Los Angeles para o Brasil, eu estava particularmente sensibilizado, agradável e tristemente surpreso por perceber o porquê de *Paraíso perdido* de Milton ter sido sempre uma obra pela qual me sentia particularmente atraído. Falei-lhe da figura de Satã, de suas qualidades extraordinariamente humanas, de seu nobre orgulho, de sua altivez

⁷ Cf. Bion, 1977/1989, p. 36.



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

Pesquisa Operacional para Cursos de Engenharia de Produção

José Américo Junqueira de Mattos

ISBN: 9788521213307

Páginas: 476

Formato: 14x21 cm

Ano de Publicação: 2018
